

O SUDOESTE PENINSULAR entre Roma e o Islão

SOUTHWESTERN IBERIAN PENINSULA
BETWEEN ROME AND ISLAM



O SUDOESTE PENINSULAR entre Roma e o Islão

SOUTHWESTERN IBERIAN PENINSULA
BETWEEN ROME AND ISLAM



ENTRE ROMA E O ISLÃO · PROJECTO DE ESTUDO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO DA ANTIGUIDADE TARDIA NO ALENTEJO
BETWEEN ROME AND ISLAM · RESEARCH AND ENHANCEMENT PROJECT OF THE LATE ANTIQUITY HERITAGE IN THE ALENTEJO

EXPOSIÇÃO /// EXHIBITION

ARQUITECTURA DE MÉRTOLA ENTRE ROMA E O ISLÃO
MÉRTOLA'S ARCHITECTURE BETWEEN ROME AND ISLAM

AUTORES /// AUTHORS

SANTIAGO MACIAS

Investigador do Programa Ciência 2008 da FCT
Universidade de Coimbra CEAUCP/CAM

VIRGÍLIO LOPES

Campo Arqueológico de Mértola

ORGANIZAÇÃO /// ORGANIZATION

CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

**CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DAS UNIVERSIDADES
DE COIMBRA E PORTO**

**COORDENAÇÃO E PRODUÇÃO /// CO-ORDINATION
AND PRODUCTION**

OFICINA DE MUSEUS

**CONCEPÇÃO E DESIGN GRÁFICO /// CONCEPTION
AND GRAPHIC DESIGN**

ANTÓNIO VIANA

EQUIPA DE MONTAGEM /// SET-UP TEAM

**ADRIANO FERNANDES · CLARA RODRIGUES · GUILHERMINA BENTO
JOSÉ BENTO · LÍGIA RAFAEL · MARIA DE FÁTIMA PALMA
NÉLIA ROMBA · RUTE FORTUNA**

RECONSTITUIÇÕES EM 3D /// 3D RECONSTITUTIONS

**JOSÉ MANUEL PEDREIRINHO · PEDRO TRAVANCA
(Basílica do Rossio do Carmo)**

CARLOS ALVES

(Baptistério e Mausoléu)

**ANYFORMS NATIONAL GEOGRAPHIC PORTUGAL
(Baptistério II)**

FOTOGRAFIAS /// PHOTOS

**ALBERTO FRIAS · ANA VAZ · ANTÓNIO CUNHA · ARQUIVO CAM
CLÁUDIO TORRES · JORGE BRANCO · MARTINHO CORREIA
RICARDO CABRAL · SANTIAGO MACIAS · VIRGÍLIO LOPES**

MAPAS E DESENHOS /// MAPS AND DRAWINGS

CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA

CARLOS ALVES · JOSÉ LUÍS MADEIRA · NÉLIA ROMBA

LIVRO /// BOOK

O SUDOESTE PENINSULAR ENTRE ROMA E O ISLÃO
SOUTHWESTERN IBERIAN PENINSULA BETWEEN ROME AND ISLAM

COORDENAÇÃO GERAL /// GENERAL CO-ORDINATION

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ · SANTIAGO MACIAS · VIRGÍLIO LOPES

AUTORES /// AUTHORS

**ANA PATRÍCIA MAGALHÃES · ANTÓNIO M. MONGE SOARES · CAROLINA GRILO
CLÁUDIO TORRES · FERNANDO BRANCO CORREIA · INÊS VAZ PINTO · JOÃO ANTÓNIO
MARQUES · JOÃO PEDRO ALMEIDA · JOÃO PEDRO BERNARDES · JORGE DE ALARCÃO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO · JOSÉ GONÇALO VALENTE · M. JUSTINO MACIEL · MANUEL
LUÍS REAL · MARIA MANUELA ALVES DIAS · MÉLANIE WOLFRAM · PATRÍCIA BRUM
SANTIAGO MACIAS · SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ · TOMÁS CORDERO RUIZ
VANESSA GASPAR · VIRGÍLIO LOPES**

DESIGN GRÁFICO /// GRAPHIC DESIGN

TVM DESIGNERS

TRADUÇÃO /// TRANSLATION

ESBN CONSULTING LDA.

**Tradutor / Translator: BERNARDO DE SÁ NOGUEIRA
Revisora / Proof reading: ERICA DE SÁ NOGUEIRA**

IMPRESSÃO /// PRINTING

GRÁFICA MAIADOURO

ISBN 978-972-9375-45-3

DEPÓSITO LEGAL /// LEGAL DEPOT 385 759/14

TIRAGEM /// PRINT RUN 1000

CD-ROM

ENTRE ROMA E O ISLÃO · PROJECTO DE ESTUDO E VALORIZAÇÃO
DO PATRIMÓNIO DA ANTIGUIDADE TARDIA NO ALENTEJO
BETWEEN ROME AND ISLAM · RESEARCH AND ENHANCEMENT PROJECT
OF THE LATE ANTIQUITY HERITAGE IN THE ALENTEJO

COORDENAÇÃO /// CO-ORDINATION

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ · VIRGÍLIO LOPES · SANTIAGO MACIAS

PRODUÇÃO /// PRODUCTION

TERRACULTA, CONSULTORIA, PRODUÇÃO E GESTÃO CULTURAL, LDA.

ISBN 978-972-9375-46-0

TIRAGEM /// PRINT RUN 1000

EDIÇÃO /// EDITION



PARCERIA /// PARTNERSHIP



INVESTIGAÇÃO /// RESEARCH



CO-FINANCIAMENTO /// CO-FINANCING



Enigmas da cidade de Beja	8
ENIGMAS OF THE CITY OF BEJA	353
JORGE DE ALARCÃO	
Sociedade e cultura em <i>Pax Ivlia</i>, através da epigrafia	16
SOCIETY AND CULTURE AT <i>PAX IVLIA</i> , ACCORDING TO EPIGRAPHY	354
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO	
De Constantino a Justiniano: a Arquitectura Paleocristã no Sul de Portugal	30
FROM CONSTANTINE TO JUSTINIAN – PALEOCHRISTIAN ARCHITECTURE IN SOUTHERN PORTUGAL	358
M. JUSTINO MACIEL	
Do Cristianismo primitivo ao Islão	46
FROM EARLY CHRISTIANITY TO ISLAM	361
CLÁUDIO TORRES	
Batismo e baptistérios durante a Antiguidade Tardia no Império romano ocidental. O exemplo de Vila Verde de Ficalho (Beja, Portugal)	54
BAPTISM AND BAPTISTERIES IN THE WESTERN ROMAN EMPIRE DURING LATE ANTIQUITY. THE CASE OF VILA VERDE DE FICALHO (BEJA, PORTUGAL)	363
MÉLANIE WOLFRAM ANTÓNIO M. MONGE SOARES	
La transformación de la arquitectura y el paisaje del sureste de Lusitania durante la Antigüedad Tardía	70
LA ARCHITECTURAL TRANSFORMATION AND THE LANDSCAPE OF SOUTHERN LUSITANIA IN LATE ANTIQUITY	367
TOMÁS CORDERO RUIZ	
A consciência do valor propagandístico do texto epigráfico no Baixo Império	92
AWARENESS AS TO THE PROPAGANDA VALUE OF EPIGRAPHIC TEXTS IN LATE ANTIQUITY	371
MARIA MANUELA ALVES DIAS	
Novos dados sobre a Tróia cristã	104
NEW DATA ON CHRISTIAN TRÓIA	374
INÊS VAZ PINTO ANA PATRÍCIA MAGALHÃES PATRÍCIA BRUM JOÃO PEDRO ALMEIDA	

Estruturas de produção no mundo rural do sul da Lusitânia durante a Antiguidade Tardia (séculos V-VII d.C.)	124
PRODUCTION STRUCTURES IN SOUTHERN LUSITANIA'S RURAL WORLD DURING LATE ANTIQUITY (5 th TO 7 th CENTURY A.D.)	378
JOÃO PEDRO BERNARDES	
Mértola na Antiguidade Tardia	138
MÉRTOLA IN LATE ANTIQUITY	381
VIRGÍLIO LOPES	
Lacalt e laqant: da toponímia antiga à islamização	166
LACALT AND LAQANT: FROM ANCIENT PLACE-NAMES TO ISLAMISATION	387
SANTIAGO MACIAS JOSÉ GONÇALO VALENTE VANESSA GASPAR	
Da Lusitânia ao domínio omíada. Beja como tela de fundo de uma reflexão	178
FROM LUSITANIA TO Umayyad RULE. BEJA AS BACKGROUND TO REFLECTION	389
FERNANDO BRANCO CORREIA	
Alqueva entre Roma e o Islão: o povoamento rural na Antiguidade Tardia e no início da Época Islâmica	188
ALQUEVA BETWEEN ROME AND ISLAM: RURAL SETTLEMENT IN LATE ANTIQUITY AND EARLY ISLAMIC PERIOD	392
CAROLINA GRILO SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ JOÃO ANTÓNIO MARQUES	
Reflexões sobre o moçarabismo no Gharb Al-Andalus: o caso português	244
REFLECTIONS ON MOZARABISM IN GHARB AL-ANDALUS: THE PORTUGUESE CASE	401
MANUEL LUÍS REAL	



Lacalt e Laqant: da toponímia antiga à islamização

SANTIAGO MACIAS¹

JOSÉ GONÇALO VALENTE²

VANESSA GASPAR³

¹ Investigador do Programa Ciência 2008 da FCT Universidade de Coimbra – CEAUCP / Campo Arqueológico de Mértola

² Câmara Municipal de Moura

³ Câmara Municipal de Moura

MUITOS NOMES ANTIGOS DOS POVOADOS MERIDIONAIS permanecem, em boa medida, desconhecidos. Exceptuam-se, como seria de esperar, os pontos principais do território, como Beja, Évora ou Lisboa, cuja evolução toponímica está, em grande medida, estabelecida. Com frequência, dispomos de nomes, referidos em descrições geográficas, mas não conseguimos situá-los na cartografia.

A latinização de toponónimos pré-romanos, primeiro, e a substituição da língua latina pela árabe, mais tarde, e, finalmente, a Reconquista, modificaram nomes, tornando irreconhecíveis os topónimos a partir dos dados hoje disponíveis. Com frequência, a cristianização do território, acentuada pelo culto mariano e pela renovação da hagiografia, tornam impossíveis o estabelecimento de relações entre os nomes antigos e os atuais, bem como a elaboração de propostas credíveis. Nem sempre a evolução é linear e os nomes evoluem de forma, aparentemente, caprichosa (Ocsonoba > Santa Maria do Gharb > Faro).

Moura, na margem esquerda do Guadiana [FIG. 1], conta-se no grupo dos sítios para os quais não dispomos de dados no que à época romana diz respeito. A hipótese de uma correspondência entre Nova Civitas Arucitana e Moura foi desmontada, há anos, por José d'Encarnação. A ligação entre Julūmaniya e Moura é um equívoco que remonta ao século XIX, sendo hoje aceite a ligação entre Mūra/Maura e Moura. Ainda assim, este nome só está estabelecido, com segurança, no século XI, não havendo certezas quanto ao nome da localidade em épocas anteriores.

A ocupação romana na região teve um dos seus principais núcleos no perímetro do Castelo de Moura, local onde, ocasionalmente, se têm encontrado materiais que testemunham a importância dessa presença. A romanização está atestada pelo surgimento, em contextos arqueológicos de época medieval e moderna, de alguma cerâmica de cronologia imperial. As condições específicas de ocupação do castelo e uma densa sobreposição de ocupações não permitiram, até agora, a identificação de níveis do período romano. Têm sido recolhidos fragmentos de telhas e, com pouca frequência, algumas sigillatas, com destaque para o fundo de um exemplar produzido, durante o reinado de Augusto, em Arezzo⁴. Os materiais cerâmicos identificados têm uma cronologia que não chega à Antiguidade Tardia. A presença de materiais norte-africanos inclui Moura nas redes comerciais da época, mas não fornece pistas sobre a dinâmica do sítio durante a fase final do Império.

A concentração de fragmentos arquitetónicos de alguma qualidade no castelo permite-nos ainda supor a existência de uma encenação de espaços ligados ao aparelho do poder – «numa cidade modesta, que não era capi-



Fig. 1

Localização de Moura.
Location of Moura.

⁴ Fundo de uma sigillata itálica com o texto: *Heracla oleiro escravo de P. Cornelius*.



Fig. 2

Moura: topografia antiga e islâmica.

Moura: Ancient and Islamic topography.

Fig. 2

Fig. 3

Fig. 4

Fig. 5

Fig. 6

tal de *civitas*, não haveria grande forum, nem teatro ou anfiteatro; mas podemos perfeitamente admitir a existência de um templo com seu recinto ou até de um pequeno *forum* adaptado à vida administrativa local»⁵, o qual faria sentir o seu peso através das construções aí erguidas, numa ocupação que se prolongou para além do fim do Império⁶.

A continuidade de ocupação do sítio entre os séculos V e VIII é-nos confirmada pela presença de fragmentos arquitetónicos no local [FIG. 2], que terão pertencido a um edifício religioso. No Museu de Arte Sacra de Moura conserva-se um capitel, recolhido no castelo em meados do século XX [FIG. 3]. Desconhecem-se o local preciso e as circunstâncias da recolha da peça. Os materiais arquitetónicos pertencem a tipologias bem conhecidas na antiga Lusitânia⁷, demonstram, também, a relativa importância do castelo, bem como manutenção de uma rede de contactos ao nível regional ao longo de toda a Alta Idade Média.

O que encontramos na gramática decorativa destes materiais é comum a outras peças de arquitetura do sudoeste peninsular: uma fiada de escamas num friso [FIG. 4], com paralelo no desenho de um

Fig. 3

Capitel tardo-romano.

Late Antiquity capital.



⁵ Alarcão, 1990: 34.

⁶ Macias, 1990: 85.

⁷ Macias, 1990: 85-92.

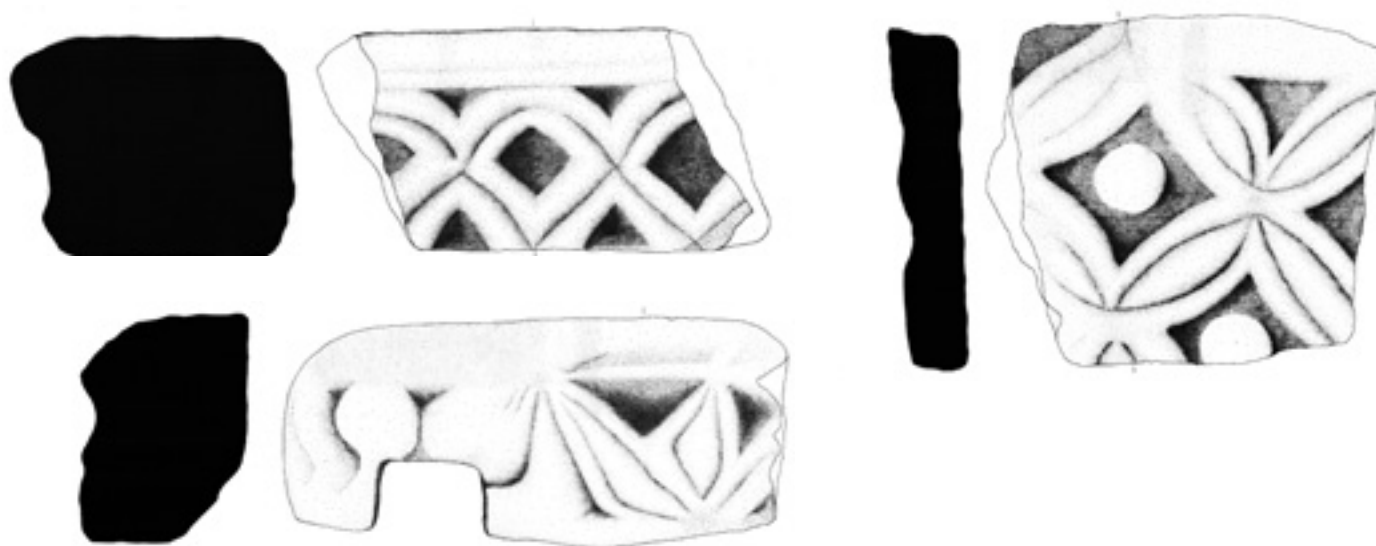


Fig. 4

Friso (fragmento),
séculos VII-VIII.

Frieze (fragment), 7th-8th century.

Fig. 5

Placa (fragmento), séculos VI-VII.

Plaque (fragment), 6th-7th century.

Fig. 6

Cancela (?) (fragmento),
século VII.

Chancel (?) (fragment), 7th century.

pequena imposta troncopiramidal de Idanha-a-Velha e numa imposta de São Gião da Nazaré e numa pilastra de Alfundão, com datações entre os séculos VII e VIII⁸; círculos tangentes numa placa [FIG. 5], fazendo surgir quadrifólios que envolvem um botão central, com paralelos próximos numa imposta troncopiramidal do Museu de Mértola, que terá pertencido à antiga basílica do Rossio do Carmo, e numa placa do Museu de Mértola, num friso e numa placa do Museu de Beja e numa outra do Monte da Abóboda⁹; rosetas de oito pétalas num possível fragmento de cancela [FIG. 6], com paralelos uma placa de Marmelar, numa placa de Serpa e ainda numa outra do Monte da Abóbada, todas com cronologia proposta no século VII¹⁰. A mesma roseta de oito pétalas identifica-se num fragmento arquitectónico reutilizado [FIG. 7], onde surge ainda uma variante deste mesmo motivo. Noutra face desta peça surge uma haste de videira sinusoidal, onde alternam cachos e folha. Refira-se, ainda, um par de sinusóides duplas cruzadas opostas num fragmento de placa [FIG. 8]. Justaposto a este encontramos uma haste de videira sinusoidal, onde alternam cachos e folhas. Esta é praticamente idêntica a uma outra existente em Marmelar, o que leva Licínia Wrench a colocar a hipótese de serem fragmentos de uma só peça¹¹. Há ainda dois pequenos fragmentos com o mesmo motivo de haste de videira [FIGS. 9 e 10]. Mencione-se, finalmente, uma imposta, que apresenta nos lados menores uma decoração com palmetas de três folhas e, nos lados maiores estrias oblíquas, divergindo para um lado e outro e formando um V no ponto central [FIG. 11]. Os paralelos são conhecidos: há peças semelhantes em Mérida, Évora, Beja etc. As datações situam-se, uma vez mais, em torno do século VII. A mesma

⁸ Wrench, 2008a: 218 e 267; Wrench, 2008c: 650.

⁹ Wrench, 2008b: 481 e 516; Wrench, 2008c: 570, 605 e 676.

¹⁰ Wrench, 2008c: 658 e 672.

¹¹ Wrench, 2008b: 335.

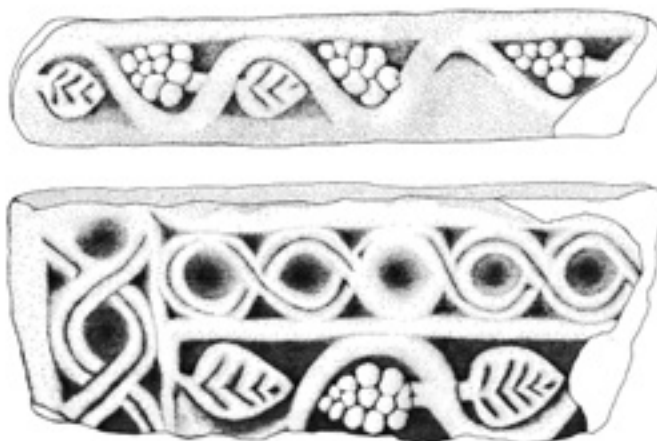
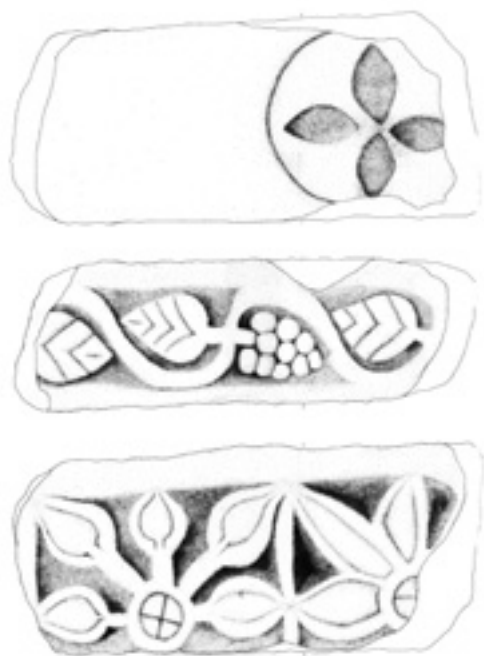


Fig. 7

Friso reutilizado (fragmento),
séculos VI-VII.

Re-used frieze (fragment),
6th-7th century.

Fig. 8

Friso (fragmento), séculos VI-VII.

Frieze (fragment), 6th-7th century.

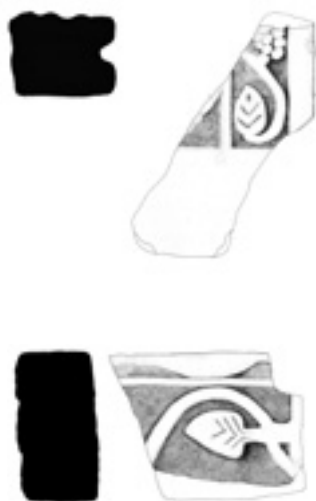


Fig. 9

Friso (?).

Frieze (?).

Fig. 10

Friso (?).

Frieze (?).

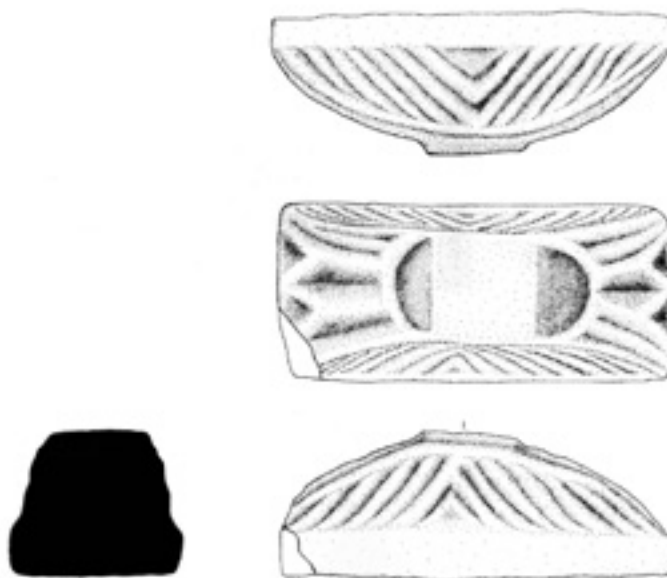


Fig. 11

Imposta, século VII.

Impost, 7th century.

cronologia se pode atribuir a outros dois fragmentos, recolhidos no castelo em tempos mais recentes [FIGS. 12 e 13].

Na ausência de estratos ou estruturas atribuíveis aquele período sublinhamos a presença de materiais arquitetónicos que são provenientes, sem excepção, de recolhas de superfície. É difícil sabermos, em concreto, a que edifício ou edifícios possam ter pertencido, mas a hipótese mais plausível é a existência de um espaço religioso dentro do castelo. O horizonte cultural em que estes materiais se integram apontam para evidentes influências da cidade de Mérida, polo irradiador cuja importância se prolonga, seguramente, até à época emiral.

Temos ainda uma possível necrópole da Alta Idade Média junto à Igreja de São João Batista [FIG. 2]. Um pouco a norte deste templo encontraram-se, nos entulhos do jardim, três moedas em ouro visigóticas (uma delas seria um triente de Recesvinto – 653-672 –, cunhado em Sevilha) e sepulturas¹². Embora os elementos sejam escassos – as descrições são pouco precisas e carecem de elementos gráficos – é possível considerar a presença de uma antiga necrópole cristã naquele sítio, junto à principal saída da fortaleza e nas imediações de uma igreja extra-muros¹³.

Trabalhos arqueológicos recentes permitem novas interpretações quanto ao nome da cidade e levantam outros problemas quanto a topónimos referidos em época islâmica, cuja correspondência continua por estabelecer com segurança. Dois fragmentos de *dolia* localizados na cidade – um numa escavação de acompanhamento de obra na Primeira Rua da Mouraria [FIG. 14], o outro nas reservas do Museu Municipal [FIG. 15] – vieram lançar novas pistas sobre a existência de espaços religiosos, e sobre o nome da localidade, na Alta Idade Média. Vieram estas peças juntar-se peças a outras duas, encontradas acidentalmente junto ao castelo, nos iní-

Fig. 12

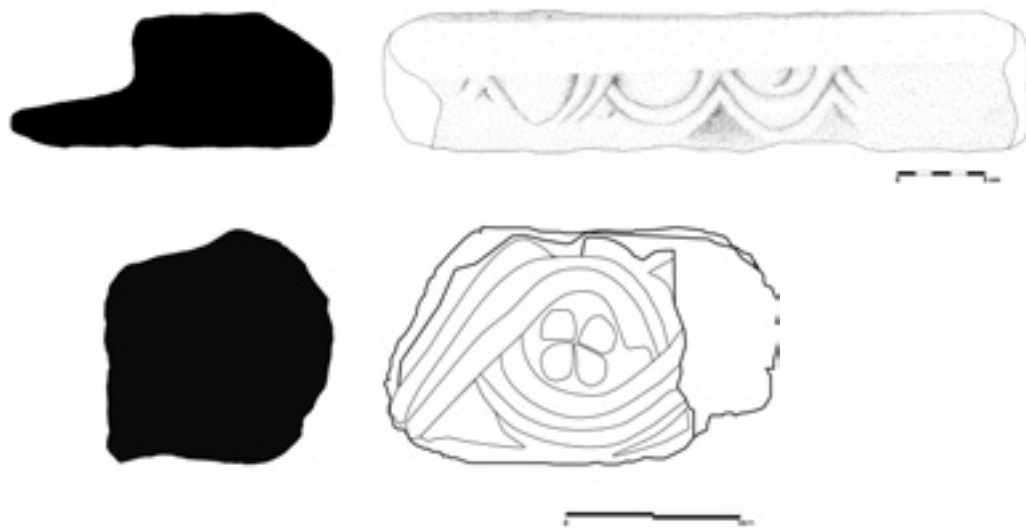
Friso (?).

Frieze (?)

Fig. 13

Friso (?).

Frieze (?)



¹² Lima, 1988: 105.

¹³ Como é sabido, o nome de São João Batista surge com frequência associado à iniciação cristã.



Figs. 14-15

Fragmentos de *dolium* com a inscrição «Eclesiae Sancte Maria Lacaltensis in Aggripi».

Fragments of *dolium* with the inscription «Eclesiae Sancte Maria Lacaltensis in Aggripi»

cios da década de 90 do século passado descobertas em Moura, de forma accidental, durante os trabalhos de construção do centro paroquial [FIGS. 16 e 17]. Como traço comum a todas elas registe-se a inscrição «Eclesiae Sancte Mariae Lacaltensis in Aggripi».

Não se tratava de uma informação inédita na região, uma vez que nos anos 60 tinha sido recolhida, junto ao Monte da Salsa (Brinches, Serpa) um fragmento de *dolium*, onde se lia idêntica inscrição. A peça seria publicada por Fernando de Almeida no seu estudo sobre o chamado período visigótico¹⁴, não se avançando com qualquer hipótese adicional para explicar o significado da inscrição. Alicia Canto voltou a debruçar-se sobre fragmentos cerâmicos acima referidos, trinta anos volvidos. Referiu, a respeito dos de Moura, que eram «una inscripción inédita y nueva lectura de otra. Se conservan en la galería cubierta trasera del Museu de Moura. Dos fragmentos de dolia de gran tamaño, ambos con un mismo sello impreso dentro de una cartela doble rectangular. Aparecieron durante unos trabajos urbanos, en las calles próximas al castillo»¹⁵. As peças datam do século VI, comentando, a respeito das mesmas, Alicia Canto: «aunque un sello parecido ya se conocía en Brinches (*vid. infra* n.º 1141), el hallazgo de una serie de estos *dolia in situ*, (en la zona alta de Moura y adyacente al castillo), puede llevar a pensar que éstos fueran producidos aquí, y que el topónimo *Lacalt* que designa a la iglesia fuera el nombre de la Moura romana. *Aggripi* sería un microto-

Figs. 16-17

Fragmentos de *dolium* com a inscrição «Eclesiae Sancte Maria Lacaltensis in Aggripi».

Fragments of *dolium* bearing the inscription «Eclesiae Sancte Maria Lacaltensis in Aggripi».



¹⁴ Almeida, 1962: 232.

¹⁵ Canto, 1997: 156.

pónimo, el nombre del lugar o barrio concreto donde la iglesia se ubicaría»¹⁶. Continuava por explicar a razão de ser da existência de uma igreja de Santa Maria Lacaltensis ou a localização do sítio, *Lacalt* ou *Lacalta*, onde a mesma teria estado implantada. O surgimento de mais uma peça, num contexto de lixeira, no bairro da Mouraria, em Moura, e a localização de um novo fragmento nas reservas do Museu de Moura, faz subir para cinco o número destas inscrições. Quatro delas estão em Moura, o que nos obriga a questionar as razões de tão invulgar concentração de peças nesta zona e a procurar uma explicação para a localização do topónimo.

As leituras e interpretação propostas por Alicia Canto não são consensuais. Numa breve nota publicada na *Hispania Epigraphica*, Isabel Velázquez assinala que «la hipótesis resulta posible y debe tenerse en cuenta, aunque no está exenta de problemas. No me atrevería, a través de las fotos publicadas, a afirmar que se lee un inicio *LACALTEN-* para la palabra que la autora propone como *Lacaltens(is)*, ya que la segunda *L* podría ser el inicio de *N*, quizá en nexo con *T*, pues el espacio entre el astil de la supuesta *L* y el travesaño de la *T* parece ancho. Me inclinaría a pensar, en ese caso, en una lectura simple *Lacaltensi*. Que *Agripi* pueda ser un microtopónimo es factible, aunque no está documentado»¹⁷. Em todo o caso, importa sublinhar a importância do achado, tanto pela presença de um local de culto importante, seguramente no perímetro da cidade atual, como pelo facto de, pela primeira vez, podermos discutir e tentar solucionar o nome antigo do sítio.

QUESTÕES DE TOPONONÍMIA

Os quatro fragmentos de dolia existentes em Moura permitem relançar o debate em torno da toponímia local e a colocação de hipóteses sobre o nome antigo da cidade. Moura conta-se no grupo dos sítios para os quais não dispomos de dados no que à época romana diz respeito. A hipótese de uma correspondência entre Nova Civitas Arucitana e Moura foi desmontada, há anos e de forma definitiva, por José d'Encarnação¹⁸. As peças descobertas na Rua de Arouche, na Primeira Rua da Mouraria e nas reservas do Museu Municipal referem, como vimos, a existência de uma *Ecclesia Santa Maria Lacaltensis*. Ou seja, de uma igreja consagrada a Santa Maria, numa localidade denominada *Lacalt* ou *Lacalta*. A concentração de peças num só sítio permite supôr que o nome romano ou tardo-romano de Moura seria esse. A hipótese é plausível, mas deixa outra questão em aberto, o da sua modificação dentro do período islâmico. A ligação entre Julūmaniya e Moura é um equívoco que remonta ao século XIX e que não será aqui tida em conta. Se aceitarmos como válido o texto de Ibn al-Faradi e a proposta que, a partir dele, faz David Lopes, fazendo corresponder a islâmica *Mūra* com a atual *Moura*¹⁹, ligação

¹⁶ Canto, 1997: 156.

¹⁷ Velázquez, 2001: 397-398.

¹⁸ Encarnação, 1989: 159-161 e Encarnação, 1990: 70-71.

¹⁹ Lopes, 1911.

hoje aceite de forma generalizada, temos uma base de trabalho para a toponímia posterior ao século XI. Continua por saber o nome da localidade em épocas anteriores.

O nome de Lacalt vem abrir novas possibilidades de explicação para a localização de um topónimo islâmico (Laqant), do qual está próximo foneticamente e para o qual se têm esboçado várias teorias. As referências a Laqant surgem, quase sempre, com a exceção do oriental Yāqūt, em textos antigos, reportando-se a acontecimentos cuja cronologia não ultrapassa o período califal²⁰.

O que nos dizem as fontes sobre Laqant?

Um primeiro dado tem a ver com a inclusão do sítio nas negociações que tiveram lugar no primeiro momento da islamização. Vários testemunhos, quer islâmicos quer cristãos, sublinham o carácter relativamente pacífico da «conquista» do Ġarb, nomeadamente no que toca à existência de negociações que terão caracterizado a islamização de uma parte importante do território a norte do Tejo²¹. A existência dos tratados que permitiram situações como essa foi relatada por Muḥammad al-Wazīr al-Ghassanī no século XVII, a partir de um texto de Ibn Muzayn, autor andaluz do século XI²².

A enumeração das fontes islâmicas, omissas quanto a locais precisos, ajuda-nos a delimitar o âmbito territorial no qual nos movemos. Ibn ʿIḍārī refere, pouco depois de meados do século VIII uma revolta, que teria tido lugar em Beja ou em Laqant e que teria sido conduzida por ʿAlā b. Muḡhīt al-Yaḥṣubī²³. No final do século VIII, ao mencionar-se uma campanha militar conduzida por Abū Ayyūb Sulaymān, refere-se a retirada que este teria feito para o «país de Firriš e Laqant»²⁴. Os textos diferem um tanto sobre o início da revolta. Ibn al-ʿAṭīr, retomando a interpretação do *Fath al-Andalus* escreveu: «(...) ʿAlā b. Muḡhīt al-Yaḥṣubī passou da Ifrīqiya à cidade de Beja, no al-Andalus, onde arvorou a cor negra dos Abássidas e fez fazer a *buṭba* em nome de al-Manṣūr. Numerosos aderentes se lhe juntaram rapidamente»²⁵. A mesma suposta origem norte-africana viria a ser retomada por outros autores²⁶, embora a veracidade desta informação mereça grandes reservas. Segundo outra versão, a do *Behdjat en-nefs*, al-ʿAlā ter-se-ia revoltado num local chamado Laqant, pertencente à *kūra* de Mérida²⁷, tendo depois marchado sobre Beja e tornado-se senhor de todo o oeste da Península²⁸. A localização não é segura, fazendo-se coincidir Laqant com a zona de Fuente de Cantos, perto de

²⁰ A exceção é o oriental Yāqūt, que escreveu no século XIII.

²¹ Picard, 2000: 22-23. Ver os pactos referentes a Laqant, Mérida e Lisboa – Chalmers, 1994: 214 e 219.

²² Picard, 1986: 65 (nota 2).

²³ Picard, 2000: 30.

²⁴ Ibn Ḥayyān, 2001: 20.

²⁵ Versão retomada mais tarde por Ibn al-ʿAṭīr, 1901: 106 e por Ibn Ḥaldūn, 1946: 150.

²⁶ Al-Nuwayrī, 1915: 226; Al-Maqqarī, 1843: 80; Molina, 1983: 122.

²⁷ Ver Hernández Giménez, 1961: 69. Sobre a localização de Laqant, ver: Roldán Castro, 1993: 107 e 150 (nota 303), baseada em Lafuente y Alcántara, 1867: 91-93. Sobre a proximidade entre Mérida e Laqant v. Ibn al-Qūṭīya, 1926: 7 e Lafuente y Alcántara, 1867: 93. Hernández Giménez menciona, a partir de Plínio, Lacunimurgi e topónimos, na mesma região, como Cantalgallo e Gallicantia – Hernández Giménez, 1961: 111 e 112 (nota 1). A importância estratégica que Laqant tinha na segunda metade do século IX leva Ibn Marwān a atacá-la – Ibn Ḥaldūn, 1947: 157.

²⁸ Em finais do século X a região de Laqant ainda era referida como uma das kuwar ocidentais – al-Rāzi, 1967: 128.

²⁹ Ibn ʿIḍārī, 1904: 81-82.

Mérida e Firriš com Castillo del Hierro, nas serranias a oriente de Sevilha. A argumentação quanto à primeira proposta é mais consistente, tendo em conta a micro-toponímia da região, onde surgem nomes como o da ribeira de Cantalgallo ou a herdade de Gallicantá. Propõe-se mesmo que a origem para o nome esteja em Lacunimurgi, nome referido por Plínio e que poderia, depois, ter-se alterado²⁹. Chega-se a admitir a possibilidade de Laqant se situar no termo municipal de Fregenal de la Sierra, o que torna o sítio relativamente próximo de Moura (cerca de 70 quilómetros)³⁰.

Os documentos da Baixa Idade Média (em particular ao longo dos séculos XIV e XV), num período em que se torna necessário definir de forma mais precisa a divisão entre Portugal e Castela, começam a assinalar novos pontos de referência. Por exemplo, mencionam de modo sistemático a ribeira de Alcarache como limite dos novíssimos termos de Mourão e de Villanueva del Fresno³¹. Ainda que esta zona semi-desértica e controlada por isoladas comunidades de pastores pouco interesse pudesse suscitar em época islâmica não há dúvida que marcava o final do território de Beja e o começo de uma outra área de influência. Foi, afinal, desta região que saíram movimentos tão importantes como o que terá tido origem em Laqant³², referido expressamente como fazendo parte do «canton de Beja»³³. Esta região juntou-se a Sulaymān b. Martín em 219/835 para fomentar uma revolta que assolou toda a *kūra* de Beja³⁴. A importância estratégica de Laqant leva os *Madjous*, na invasão de 229/844 a enviar destacamentos para este sítio, bem como para Firriš, Moron e Córdoba³⁵.

Nesta zona, cerca de 50 quilómetros a leste de Beja, e no limte oriental da *kūra*, as ligações familiares e a componente *mullawad* continuam a marcar presença preponderante. Ibn Ḥayyān assinala a revolta de Fāraj b. Ḥayr al-Ṭūṭāliqī, que se rebelou em 234/848-849 contra o emir ʿAbd al-Raḥmān II a partir de *Aroche* e de *Dnhkt*, topónimo não identificado³⁶. Pode tratar-se de um problema de transcrição e a referência reportar-se a Laqant e não a Dnhkt³⁷. Vencido pelas tropas do emir, põe-se ao serviço deste e é nomeado para diversos cargos, nomeadamente o de governador de Beja.

É ainda o sítio de Laqant que ʿAbd al-Raḥmān III coloca sob o comando de ʿAbd al-Malik b. al-ʿĀṣī³⁸, jurisdição que passaria, anos depois, para ʿAbd al-Raḥmān b. Muḥammad b. al-Nazzām, juntamente com Firriš, Llano de los Pedroches, Miknāsa e B.tr.l.š³⁹.

²⁹ Hernández Jiménez, 1961: 69 e 111-112.

³⁰ Hernández Jiménez, 1960: 368.

³¹ Visconde de Santarém, 1842: 1, 11, 115-116.

³² Movimento de al-ʿAlā b. Muḥīṭ al-Yaḥṣubī – Picard, 2000: 30. Laqant foi, tal como Firriš, um sítio importante do território ocidental do al-Andalus – Ibn Ḥayyān, 2001: 20.

³³ Ibn ʿIdārī, 1904: 82.

³⁴ Ibn Ḥayyān, 2001: 299-302.

³⁵ Dozy, 1881: 260.

³⁶ Sidarus, 1988-1993: 17.

³⁷ A hipótese que colocamos é a troca do «lame» pelo «dal», no início da palavra, resultando daí uma leitura confusa.

³⁸ Ibn Ḥayyān, 1981: 184.

³⁹ Ibn Ḥayyān, 1981: 267.

Perto do final do século X, Laqant era ainda referida como *kūra*: «en el jumada de este año [362 h., ou seja, entre outubro de 972 e outubro de 973], salió el ṣaḥib al-radd ʿAbd al-Malik ibn Ibn al-Munḍir Ibn Saʿīd a las coras occidentales – que son: Ferris, Laqant, Sevilla, Niebla, Carmona, Morón, Ecija y Sidonia – en visita de inspección (...)»⁴⁰. Pela mesma época, e numa história da conquista da Península, é feita a seguinte referência explícita quando se fala da rota seguida pelas tropas: «después de Sevilla se fué a Lacant (es decir) a un lugar que se llamó «el desfiladero de Musa» en las cercanías de Lacant, en dirección a Mérida»⁴¹.

Yāqūt nos séculos XII-XIII, refere ainda o nome da localidade, mas a verdade é que nunca visitou o ocidente, sendo as suas informações fruto de dados recolhidos junto de outros autores. Sobre Laqant diz que «es el nombre de dos castillos (*ḥuṣūn*) pertenecientes a Mérida, en al-Andalus: Laqant la Mayor (Laqant al-kubra) y Laqant la Menor (Laqant al-sugra) y están situados de modo que se miran frente a frente»⁴².

Os textos escritos parecem apontar para uma localização algures a oriente do castelo de Moura. A importância da nossa cidade no início do período islâmico também parece, à partida, pouco compatível com tantas e tão detalhadas menções. No entanto, o mesmo argumento é válido, mais ainda, para Fuente de Cantos.

O problema de localização de Laqant ganha outra dimensão, se considerarmos o facto desta última estar perto da zona de passagem entre Mérida e Sevilha. Moura nunca pertenceu ao território de Mérida, mas está numa zona de disputa entre Beja e Sevilha. São também importante as ligações persistentes entre Aroche e Moura. E, uma vez mais, entre estes dois sítios e Beja.

Não é possível estabelecer uma ligação direta entre o nome antigo de Moura, partindo do princípio que o mesmo foi Lacalta, e o toponímio de Laqant. A ligação entre ambos parece-nos, contudo, passível de ser sustentada. São conhecidas as ligações antigas entre a zona de Moura e o eixo viário que ligava Mérida a Sevilha. O caminho entre Beja e Sevilha passava a curta distância da nossa cidade e seria, decerto, um meio privilegiado do contacto com a zona costeira meridional.

A mutação do nome, ocorrida presumivelmente nos séculos X-XI, tal como sucedeu noutros sítios do Ġarb, como Ocsónoba, justificaria o esquecimento do nome antigo e a «criação» de um novo topónimo.

⁴⁰ Al-Razi, 1967: 128.

⁴¹ Ibn al-Qutiya, 1926: 7.

⁴² Yāqūt, 1974: 272.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

- IBN AL-ʿATĪR (1901) – *Annales du Maghreb et de l’Espagne* (trad. e anot. Edmond Fagnan), Alger, Typographie Adolphe Jourdan
- IBN ḤALDŪN (1946) – *História de los Árabes de España por Ibn Jaldun* (trad. Osvaldo Machado) in «Cuadernos de História de España», vol. VI, Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, pp. 146-153.
- IBN ḤALDŪN (1947) – *História de los Árabes de España por Ibn Jaldun* (trad. Osvaldo Machado) in «Cuadernos de História de España», vol. VIII, Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, pp. 146-153.
- IBN ḤĀYYAN (1981) – *Crónica del califa Abdarrahman III an-Nasir entre los años 912 y 942 - al-Muqtabis V* (trad. e índices Maria de Jesus Viguera e Federico Corriente), Zaragoza, Anubar Ediciones.
- IBN ḤĀYYAN (2001) – *Crónica de los emires Albakam I y Abdarrahman II entre los años 796 y 847 - Almuqtabis II-1* (trad. e índices Mahmud Makki et Federico Corriente), Zaragoza, Instituto de Estudios Islámicos y del Proximo Oriente.
- IBN ʿIDĀRĪ (1904) – *Histoire de l’Afrique et de l’Espagne intitulée Al-Bayano l-Mogrib* (trad. e notas Edmond Fagnan), tomo II, Alger, Imprimerie Orientale Pierre Fontana.
- IBN AL-QŪṬĪYA (1926) – *Historia de la conquista de España de Abenalcotia el Cordobés* (ed. Julian Ribera) in «Colección de obras arabigas de Historia y Geografía», t. II, Madrid.
- AL-MAQQARĪ (1843) – *The History of the Mohammedan Dynasties in Spain* (trad. Pascual de Gayangos), vol. II, London, Oriental Translation Fund of Great Britain and Ireland.
- AL-NUWAYRĪ (1915) – *Historia de España y Africa* (trad. Gaspar Remiro Mariano) in «Revista del Centro de Estudios Historicos de Granada y su reino», t. V, n.º 4, Granada, pp. 221-242.
- AL-RĀZĪ (1967) – *Anales palatinos del califa de Córdoba al-Hakam II, por Isa ibn Ahmad al-Razi (360-364 H.-971-975 d.C.). El califato de Córdoba en el Muqtabis de Ibn Hayyan* (ed. Emilio Garcia Gómez), Madrid, Sociedad de Estudios y Publicaciones.
- YĀQŪT (1974) – *La España Musulmana en la obra de Yaqt (s. XII-XIII)* (trad. Gamal Abd al-Karim) in «Cuadernos de Historia del Islam», n.º 6, Universidad de Granada.
- LAFUENTE Y ALCÁNTARA, Emilio (ed.) (1867) – *Ajbar Machmua (colección de tradiciones)*, Madrid, Real Academia de la Historia.
- MOLINA, Luis (ed., trad. et notes)(1983) – *Una descripción anónima de al-Andalus*, vol. II, Madrid, CSIC.

ESTUDOS

- ALARCÃO, Jorge de (1990) – *Vestígios romanos do concelho de Moura* in «Moura na época romana», Moura, Câmara Municipal de Moura, pp. 31-39.
- ALMEIDA, Fernando de (1962) – *Arte visigótica em Portugal*, Lisboa.

- CANTO, Alicia (1997) – *Epigrafia romana de la Betúria Céltica*, Madrid, Universidad Autónoma de Madrid.
- CHALMETA, Pedro (1994) – *Invasión e islamización. La sumisión de Hispania y la formación de al-Andalus*, Madrid, Editorial MAPFRE.
- DOZY, Reinhardt (1881) – *Recherches sur l’histoire et la littérature de l’Espagne pendant le Moyen Age*, 3^{me} ed., vol. II, Leyde, E.J. Brill.
- ENCARNAÇÃO, José d’ (1989) – *Uma homenagem a Agripina* in «Conimbriga», 28, pp. 157-167.
- ENCARNAÇÃO, José d’ (1990) – *Epigrafia romana do Museu Municipal de Moura* in «Moura na época romana», Moura, Câmara Municipal de Moura, pp. 65-74.
- HERNÁNDEZ GIMÉNEZ, Félix (1960) – *La kura de Mérida en el siglo X* in «Al-Andalus», xxv, Madrid-Granada, CSIC, pp. 313-371.
- HERNÁNDEZ GIMÉNEZ, Félix (1961) – *Ragwal y el itinerario de Musa, de Algeciras a Mérida* in «Al-Andalus», xxvi, Madrid-Granada, CSIC, pp. 43-153.
- LIMA, José Frago de (1988) – *Monografia arqueológica do concelho de Moura*, Moura, Câmara Municipal de Moura.
- LOPES, David (1911) – *Os árabes nas obras de Alexandre Herculano*, sep. do «Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciencias de Lisboa», vols. III e IV, Lisboa, Imprensa Nacional.
- MACÍAS, Santiago (1990) – *Fragmentos arquitectónicos tardo-romanos do Museu Municipal de Moura* in «Moura na época romana», Moura, Câmara Municipal de Moura, pp. 85-92.
- PICARD, Christophe (1986) – *Le Gharb al-Andalus: etude régionale d’après les sources littéraires et archéologiques*, Thèse de III cycle, Paris.
- PICARD, Christophe (2000) – *Le Portugal Musulman (VIII-XIII siècle). L’Occident d’al-Andalus sous domination islamique*, Paris, Maisonneuve & Larose.
- ROLDÁN CASTRO, Fatima (1993) – *Niebla musulmana (siglos VIII-XIII)*, Huelva, Diputacion Provincial.
- SIDARUS, Adel (1988-1993) – *Um texto árabe do século X relativo à nova fundação de Évora e aos movimentos muladi e berbere no Ocidente Andaluz*, sep. de «A Cidade de Évora», n.º 71-76, anos XLV-L (1988-1993).
- VELÁZQUEZ, Isabel (2001) – *Concelho de Moura – freguesia de Moura – 1135* in «Hispania Epigraphica», Madrid, Universidad Autónoma de Madrid, pp. 397-398.
- VISCONDE DE SANTARÉM (1842) – *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal*, t. I, Paris.
- WRENCH, Licinia, (2008a) – *Decoração arquitectónica na Antiguidade Tardia – corpus de escultura arquitectónica*, Vol. II, Parte 1, dissertação de doutoramento em História da Arte da Antiguidade apresentada à Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- WRENCH, Licinia, (2008b) – *Decoração arquitectónica na Antiguidade Tardia – corpus de escultura arquitectónica*, Vol. II, Parte 2, dissertação de doutoramento em História da Arte da Antiguidade apresentada à Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- WRENCH, Licinia, (2008c) – *Decoração arquitectónica na Antiguidade Tardia – corpus de escultura arquitectónica*, Vol. II, Parte 3, dissertação de doutoramento em História da Arte da Antiguidade apresentada à Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

